

P. 9

O começo difícil

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

O Congresso-zumbi convocou seus fantasmas para o último esforço concentrado da mais exótica e contraditória das sessões legislativas, pelo menos de 1946 para cá, depois da redemocratização que exorcizou o Estado Novo para logo recair no ciclo do arbítrio dos quase 21 anos da mais longa e cínica intervenção militar do recente capítulo da nossa história republicana.

Não há como negar que tem seu pitoresco — assim como a piada contada em velório, com o defunto espichado no caixão e a longa noite da vigília em desuso nesses tempos apressados — o estertor do Congresso que viveu seus dias épicos e reabilitadores, como no *impeachment* do desfrutável esquiador das neves milionárias de Aspen e no repique da fase da vergonha da apuração das roubafeiras no valhacouto da Comissão do Orçamento.

Mas o Congresso cansou da pose, despencou dela e voltou ao natural. E como que foi à forra da torturante mistificação da compostura. Não adianta ralar a memória na pesquisa de situações parecidas. Não existem. A decadência do Legislativo registra queda em parafuso, com os clássicos galeios enganadores. No negrume das fases mais duras dos desatinos da repressão, o Legislativo purgou o vexame da marginalização desdenhosa, punitiva. Vegetou ao relento, ignorado pelos usurpadores fardados do poder. Isso, bem entendido, foi a receita para a maioria. Exceções nas duas pontas. Entre os que resistiram nos estreitos limites do possível; e, na outra banda, a dos que bajularam abjetamente os generais-presidentes do rodízio do faz-de-conta de democracia.

Ora, esse é o ontem. Vexatório, mas de alguma forma desculpável. Sempre cabe a justificativa de que o Congresso lutou no apertado palmo de terreno que lhe restou para salvar a instituição em frangalhos.

Agora a crise é feita em casa, no artesanato doméstico da falência múltipla dos partidos, das lideranças, da atividade parlamentar regular, tudo isso na moldura do desmentido das promessas e ilusões de Brasília.

Parece que há o propósito suicida, o gosto perverso em rebaixar o Congresso até a degradação no crepúsculo cinzento da legislatura biruta. Nada tem faltado no repertório patusco do encerramento no picadeiro. A criatividade surpreende. A cada dia, novo escândalo, como capítulos de novela de safadagem.

Hoje, no derradeiro dia de *sessão de votação* — segundo a preciosa qualificação do presidente da Câmara, deputado Inocêncio Oliveira —, estréia a reforma moralizadora, anunciada com solene seriedade e que consiste na promessa do corte da parte variável do subsídio dos faltosos. Quer dizer, aos que não se dignarem ao sacrifício da presença para votar, nas escassas, raríssimas chamadas para apertar o botão que quebra a rotina da ociosidade. Pelo jeito, no apagar das luzes, entre fumaças de moralização, o que a Câmara está oficializando é a semana de dois dias, os dias das sessões de votação. No resto da semana, vai quem quiser que ninguém é de ferro.

No coroamento da despedida, o Congresso dos fantasmas, dos suplentes e dos derrotados, terá a oportunidade de votar a anistia ao seu emblemático presidente Humberto Lucena, garantindo o mandato do senador reeleito da Paraíba e que o Tribunal Superior Eleitoral, por pura implicância, pretende invalidar pela bobagem do uso indevido da gráfica do Senado para propaganda eleitoral. Futilidades, miçangas nos enfeites da imoralidade.

Lento na arrancada, assim como perdido no discurso de campanha e ofuscado pelo brilho devolvido pelo espelho, o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, por mal dos seus pecados, ainda é forçado a participar da farsa de conviver com o Congresso desenganado, doente terminal, moribundo. E então não há saída boa para salvar a face. Qualquer tentativa de levar a sério a palhaçada dissolve-se na gargalhada da platéia, cativa das piruetas do astro da serragem de fundilhos furados.